



S. PAIO DE ANTAS  
= ESPOSENDE =

ANO IV

N.º 37

DEZEMBRO DE 1960

Composição e impressão:  
Escola Tipog. da Oficina de S. José  
= B R A G A =

# Natal Cristão

Aproxima-se o dia da Comemoração do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo: o Natal. Compreende-se que data tão faustosa e de tanta projecção na vida natural e sobrenatural da humanidade, sempre tivesse merecido, sobretudo da parte dos Cristãos, a mais festiva e jubilosa solenização.

Para toda a humanidade, a vinda de Jesus inaugurou uma era verdadeiramente nova de compreensão, de tolerância, de liberdade, de respeito pelo direito e de caridade. Depois de Cristo ter andado pela terra, os homens fizeram-se mais civilizados e por isso, mais humanos e racionais. E se o Menino nascido em Belém, nada mais tivesse trazido ao Mundo, já teria trazido o suficiente para merecer a mais pomposa comemoração.

Mas não foi só isso. Para nós, Cristãos, que acreditamos na sua missão messiânica e na sua divindade, trouxe infinitamente mais. Trouxe a Salvação. Ele próprio é o Salvador à custa da morte sobre uma Cruz; Ele mesmo é o Redentor que com o seu próprio Sangue pagou o preço do nosso resgate. Ele em pessoa é Deus que veio à terra em prova suprema do infinito amor do Pai Eterno pelos homens. Este amor de Deus pelos homens é a maior pregação da caridade que devemos ter uns para com os outros.

É por isso que o Natal prega o amor, a concórdia, a paz na justiça, mas duma maneira profunda, completa e essencial.

E tudo isto está acima de toda a comemoração por mais faustosa e solene que ela fosse.

Os homens desde há muito que a vem fazendo com espavento externo e ruidoso e está bem. Contudo vão-se esquecendo que

a celebração mais importante é a que diz respeito à alma e isto está mal.

É por causa deste esquecimento do verdadeiro sentido das festas de Natal que eu queria pedir a todos os filhos desta freguesia que este ano o comemorassem com um sentimento verdadeiramente Cristão, com piedade filial, com terna e profunda gratidão para com o Menino Deus.

Então — perguntarão alguns — não está bem fazer uma boa ceia, jogar os pinhões e beber vinho quente à volta do cepo flamejante, visitar as famílias amigas e com elas confraternizar?

Tudo isso, e muitos outros costumes são, está muito bem desde que o abuso e excesso não torne reprovável aquilo que é muito humano e natural. Contudo não está nisso o principal das festas Natalícias.

O principal está nos sentimentos de Fé, de amor, de gratidão, de paz e serenidade interior que devem reinar na nossa alma.

Jesus Menino veio a trazer a paz, uma paz verdadeira, interior e profunda sem a qual não é possível a paz exterior que os homens de balde procuram. E a paz de Cristo é também a paz com Deus e esta não é possível se na nossa alma reina o pecado, moram as paixões ruins, imperam as inclinações más.

É por isso que o Natal Cristão, só é Cristão se for comemorado em paz e tranquilidade de consciência que geram a verdadeira e santa alegria, requisito essencial para qualquer festa.

É assim um Natal alegre e feliz que o vosso Reitor fica a implorar a Deus para todos os filhos de S. Paio.

## Uma história do Natal

**N**OITE DE NATAL. São os olhos de inocência que deixamos na infância que nos voltam e espalham pela alma o encanto desta noite.

É todo o mundo que se debruça sobre uma criança que nasce. Todo o mundo a amar. Uma noite sem ódios, nem distâncias, nem corações fechados. Ao menos nesta noite.

É uma noite de neve, com as gentes acordadas e os anjos a cantar. Uma noite aberta onde todos se entendem, que tonifica e lava as almas como as águas brancas.

É a noite em que Deus chegou ao mundo dos homens.

Toda a gente sabia que o Tainas vinha consoar a casa. Em S. Paio estas coisas sabem-se nas vendas, sem o vendeiro saber quem o disse, e depois os fregueses levam-nas de porta em porta como quem cumpre uma obrigação. Foi por isso que o João Gaio ouviu e soube pormenores. E pelo caminho, as ideias não lhe cabiam na cabeça. Falava alto. E ameçava com os punhos erguidos. Havia de ser agora que o Tainas lhas pagaria. Ou agora ou nunca.

Tudo ajudava. A caminheta do Porto chegava noite entrada a S. Paio e nessa noite como era Natal, não andaria ninguém pelos caminhos. O Tainas vinha desprevenido e zás!, ficaria a saber que com o João Gaio ninguém brinca.

Aquela zanga vinha do verão. O Pedrito, o seu filho, foi às peras do Tainas e não fez bem, está certo, concordo. Mas era criança e uma criança não mede as coisas, não era motivo para o Tainas cair em cima do filho e moê-lo com tanta pancada até o sangue lhe sair pela boca. Para ali ficou aquele desinfeliz, tolhido e amarelo, sem forças para segurar uma gata pelo rabo. Mas não se inutiliza assim uma criança e o Tainas iria ficar a sabê-lo, hoje, 24 de Dezembro, dia de Natal. Iria que lho garantia ele. João Gaio. Que este assunto já podia e já devia estar arrumado, se o medricas do Tainas não se tivesse escapado para Trás-os-Montes, a trabalhar não sei em quê. Foi logo a seguir à tarefa que deu ao Pedrito. Quando o João Gaio se preparava para lhe pedir explicações e fazer-lhe a barba com uma navalha que comprou a um almocreve em Barroselas por vinte e pico, o Tainas prantase em Trás-os-Montes sem dizer água vai. Foi a sua sorte. Mas de pouco lhe serviu

a finta. Não perdeu pela demora nem ficaria sem os juro. A navalha ali estava, que todas as semanas a afiava, e ele também ali estaria já não faltava um quarto... dez minutos.

Era isso: faltavam dez minutos no relógio do João Gaio para a caminheta chegar. Esperaria ali, por ele, na curva daquela cançosta, ainda que fosse toda a noite. Mas esta noite mesmo, é que o assunto se havia de arrumar. Não era bom dia, de acordo. O Natal não é para estes negócios. Mas quem escolheu foi o Tainas. Que chegasse um dia mais cedo e já ele, João Gaio, podia passar o Natal descansado com a mulher e os filhos. Em casa deviam estar à espera, as batatas a arrefecer, o diabo. Mas antes de mais nada estava o ajuste de contas e hoje é que elas haviam de ficar ajustadas.

Estava frio, um frio parado que descia cautelosamente sobre os campos, como quem não quer incomodar.

Mas aí vinham vozes. Vozes miudas a tagarelar. Falavam alto que até os cães ladravam, ao longe, atrás dos portais.

— O pai mandou dizer à mãe que me trazia um cavaquinho.

— E para mim umas castanholas.

— Hoje é que vai ser: havemos de estar a pé até à meia noite, a jogar aos pinhões. Temos lá duas pinhas para o pai, mas havemos de lhe ganhar sempre e deixá-lo sem um pinhão.

Os outros diziam que ia ser um pagode.

Eram os filhos do Tainas, que o João Gaio bem os conheceu pela voz e que pelos vistos iam esperar o pai à caminheta.

— Olha a caminheta, vamos depressa.

Ao fundo, entre os pinhais, no pontilhão, lá iam os faróis da caminheta a varrer a estrada. Depois foi o silêncio. Um silêncio frio, cheio de estrelas lá em cima, que tirava a força à gente.

A's tantas lá vinham eles:

— Pai, o cavaquinho?

— Temos um presépio no Oratório da sala, com dois pastores, uma ovelhinha, uma mulher com um cântaro... o pai é que vai ver como é lindo.

O João Gaio não ouviu mais. Tirou a navalha do bolso e deitou-a ao beiral com quanta força tinha. Cuspiu nas mãos, acendeu o cigarro e foi para casa, com pressa.

( Continua na 4. página )

# Festa da Imaculada

## Dia da Mãe

Para festejar o maior e o mais caro: privilégio da Mãe do Céu realizaram-se na nossa Igreja algumas cerimónias cheias de terna e filial piedade.

De manhã, houve Missa Cantada. Não quero passar à frente sem fazer uma referência especial à Nossa Coral (*nossa* porque formada pelos *rossos* rapazes e raparigas). Que bem cantou a missa nesse dia! Seria o amor e a piedade para com a Virgem Santíssima que os fazia cantar com tal sentimento, harmonia e afinção? Ou seria porque tem saber e técnica necessárias, para cantar sempre assim? Eu creio que uma e outra coisa tiveram influência e então é com muito prazer que verifico termos um Coral à altura. Parabéns e para diante, para melhor.

Houve também sermão que decerto aproveitou muito a todos os que ouviram.

De tarde rezou-se o terço que a Coral acompanhou com cânticos maviosos.

Seguiu-se uma breve e sentida alocução às Mães que no final foram homenageadas pelos seus filhos — as criancinhas de S. Paio. No dia da Mãe do Céu não quiseram esquecer as Mães da Terra. Rezaram por elas, ofereceram-lhes um Santinho e disseram lhes que não foi em vão que se sacrificaram pelos seus filhinhos.

Pela boca da Senhora D. Maria Emília, consagraram-se elas—as mães de S. Paio— à Virgem Mãe do Céu.

Que a Senhora da Conceição aceite a nossa festa e conceda a todos, mães e filhos, a sua maternal e poderosa protecção.

## Centro Paroquial

Finalmente, dentro em breve, vamos começar!

E assim pouco e pouco surgirá do nada a grande obra da presente geração de S. Paio.

Sim, será grande. Grande pela alta e nobre finalidade que tem em vista. Grande pela imensa falta que nos faz. Grande pelas proporções materiais que tem que tomar. Finalmente grande pelos grandes sacrifícios que nos vai exigir.

Por tudo isso será ela — a nossa obra — o nosso grande orgulho.

# Primícias

*Foi qual se Deus, o Deus Homem, —  
Na cristã incarnation,  
Desse aos corações mais alma,  
As almas mais coração*

*Caverna ou gruta, refojo  
De lobos e de avejões,  
Via riqueza ouviu palavras  
Entre celestes clarões...*

*E dizia o cordeirinho,  
Seus olhos de espanto e amor,  
Quem me dera este Menino  
Para ser o meu pastor!*

*Disseram a mirra e incenso:  
— Agora é que o nosso fumo  
Vai tomar, direito aos céus  
Seu divino, humano rumo. —*

*Dizia um pouquinho de oiro  
A tilintar como em reza: —  
Algum dia serei tanto  
Que mais não haja a pobreza. —*

*E dizia o cordeirinho,  
Todo achegado a Jesus: —  
Deixa-te estar pequenino  
Deixa lá crescer a Cruz! —*

NATAL de 1956

António Correia de Oliveira

Vale, pois, bem a pena trabalho, entusiasmo e até sacrifício.

E chegou a hora de darmos generosamente uma coisa e outra.

Tivemos, há dias, uma reunião que me deu a consolação de ver a todos entusiasmados e resolvidos a meter ombros à empresa o mais depressa possível.

Nela ganhei coragem para hoje fazer aqui um apelo solene e definitivo. Chegou o momento de todos responderem: presente.

Fico à espera, porque por enquanto não mandaremos listas a casa de ninguém. Seria bonito e generoso vir ter comigo voluntariamente e oferecer o que a boa vontade e as circunstâncias aconselhassem. Fico pois à espera.

E sobretudo fico à espera que os generosos e bons filhos de S. Paio, ausentes da nossa terra, digam a sua palavra, que, como sempre tem acontecido, será uma palavra digna da sua grande alma.

Caros ausentes, a vossa terra conta com o vosso apoio. Não sereis capazes de o recusar.

Mais uma vez repito: — Fico à espera.

Os filhos de S. Paio hão-de provar que não espero em vão.

# Noticiário

## Casamentos

António Ferreira Laranjeira, de S. Paio de Cima e Maria Cândida Cerqueira da Cruz, do lugar de Belinho, realizaram o casamento a 4 de Dezembro.

— António Fernandes Maciel, da freguesia de Belinho e Rosária Gonçalves Torres Pereira Viana, do lugar de Belinho desta freguesia, celebraram o seu casamento a 7 de Dezembro.

— Manuel da Cruz Gonçalves, da freguesia de Belinho e Maria de Fátima Carmalho Moreira, do lugar de Guilheta, celebraram o seu casamento a 10 de Dezembro.

Felicidades e bênção de Deus.

## Baptizados

Amélia da Cruz da Torre, filha de António Gonçalves da Torre e de Amélia Alves da Cruz, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 27 de Novembro e faleceu a 4 de Dezembro.

— Maria Adília Viana Laranjeira, filha de Albino Pires Laranjeira e de Alice de Azevedo Viana, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 2 de Dezembro.

— Rui de Sá Rolo, filho de Manuel Meira Rolo e de Maria da Glória de Carvalho Sá, residentes no lugar de Grilheta, foi baptizado a 10 de Dezembro.

## Óbitos

Mariana Alves Rolo, viuva, de S. Paio de Cima, de 75 anos de idade, faleceu a 25 de Novembro.

— Antónia Gonçalves de Miranda, de 98 anos de idade, solteira, do lugar de Azevedo, faleceu a 12 de Dezembro.

O Senhor Ihes dê o descanso eterno.

## Sagrado Lausperene

No dia 26 principia o Sagrado Lausperene.

A's 5 horas da tarde será celebrada a Santa Missa e depois ficará o SS.<sup>mo</sup> Sacramento exposto até à mesma hora do dia seguinte.

Durante a noite — na forma dos anos anteriores — será a adoração dos homens. Quem vai faltar? Ninguém.

## Recebemos

Manuel Cardoso de Albuquerque (Barcelos) . . . . .	25\$00
Horácia Torrinhas da Cruz (Mocimbo) . . . . .	150\$00
Manuel Azevedo Viana (Guiné) . . . . .	20\$00
Virgílio Laranjeira da Silva (Brasil) . . . . .	100\$00
Maria Cândida Ferreira (Lisboa) . . . . .	20\$00

Deus vos ajude.

## Uma história do Natal

( Continuação da 2.<sup>a</sup> página )

Era tarde. Em casa estavam à sua espera

— Nem por ser dia de Natal vens cedo para casa. Valha-me Nossa Senhora — gemeu a mulher.

O homem foi à janela, a olhar para fora, como quem vai ver o tempo.

— Estão as batatas frias...

Mas o João Gaião não ouvia. A janela virado para fora, fazia que se assoava, a limpar as lágrimas. Viu-o o Pedrito e arregalaram-se-lhe as orelhas:

— Agora estão, mãe, ainda estão quentinhas. Venha comer, pai.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica